

# *Inuvicta* *cinne*

AÑO X

Nº. 189



**BRIGITTE HELM**

**SEMANARIO ILUSTRADO  
DE CINEMATOGRAFIA**

PREÇO

**50**  
c<sup>os</sup>

# Companhia Cinematográfica de Portugal

**A P R E S E N T A**

na próxima semana \_\_\_\_\_

no cinema \_\_\_\_\_

magnífica comédia musical rea-  
lizada por ERICH ENGEL \_\_\_\_\_

com os artistas: Jenny Jugó,  
Theo Shall, Rólf V. Goth, Fritz  
Klippel, Karl Stepanek e Gunter  
Vogdt \_\_\_\_\_



**OS 5 DO JAZZ**



**OLYMPIA**



**OS 5 DO JAZZ**

**FONOFILME DE ALEGRIA, MOCIDADE E OPTIMISMO**

# O Cinema Rehabilitado

Em virtude dos seus muitos afazeres particulares, pediu a demissão de redactor da nossa revista o nosso amigo sr. Novais Castro.

A direcção de «Invicta Cine» agradece toda a sua colaboração prestada até aqui.

O filme português que a firma H. da Costa vai produzir, intitular-se-há «Jesus Cristo» e a sua realização ficará a cargo, segundo parece, do nosso presado colega na imprensa cinegráfrica sr. Antonio Lopes Ribeiro.

Como faz prevêr o título, o assunto do filme baseia-se em vários episódios da vida de Jesus.

Diz-se ainda que, o papel de Jesus Cristo ficará a cargo de um grande artista teatral e que Artur Duarte será o director de produção.

O filme, conforme já aqui foi dito, deverá sêr super-visado por Constantijn J. David.

O nosso estimado correspondente em Paris, Géo Poirier, escreve-nos, dizendo, que conta vir êste ano a Portugal, visitar-nos. Folgaremos com isso.

Decididamente, os nossos gentis correspondentes parisienses, estão-se entusiasmando muito com o nosso país. O ano último veio o Robert Gaillard, agora o Géo Poirier. O Loubet, lá arranjou essa de os deixar com desejos de conhecer Portugal, quando esteve em Paris o ano passado.

A «Metro Goldwyn-Mayer» vai editar na América o grande filme de Léontine Sagan «Raparigas de Uniforme?»  
Bravo!

O último filme de Lubitsch, de fundo social e satírico é: «Trouble in paradise», com Miriam Hopkins, Kay Francis e Herbert Marshall.

«O Congresso que Dança» e «Traição» só agora são vistos em Espanha. E nós já os vimos no começo da época passada. «Allô Paris-Daquí Berlim» foi também só agora apresentado em Paris e nós já o vimos cá no abrir da nova temporada.

Mas há mais filmes que passam primeiro entre nós do que nalgumas melhores capitais estrangeiras. A quem se deve isto? Ao H. da Costa.

Agora, sim, dá gôsto sêr cinéfilo em Portugal.

A novela de A. G. Wells «Ilha das Rimas Perdidas» (Island of Lost Souls) está sendo filmada em Hollywood, com Irving Pichel no protagonista.

Gary Cooper e Adolphe Menjou trabalham juntos em «Farwell to Arms» (Adeus ás armas) filme de que Helen Hayes, que conheceremos esia temporada, é a principal intérprete.

Walter Ruttman, o animador admirável de «A Sinfonia duma Capital» terminou em Italia a montagem do seu novo filme «Acciao» (Aço) duma obra de Pirandello, e que tem como intérpretes Isa Pola, Paitore e os trabalhadores duma fábrica de aço de Terni.

«I. F. I não responde» foi apresentado no «Ufa Palace», de Berlim com grandíssimo successo.

A imprensa alemã diz que se trata do melhor filme da temporada.

Joseph Von Sternberg vem a caminho da Europa.

Lembram-se de «Rio Rita» um dos primeiros filmes do cinema sonoro?! O atractivo dos seus bailados, a suntuosidade das suas decorações, a maviosidade de algumas das suas canções e a harmonia da sua música, não eram o suficiente para dominar a sêde cinéfila. Porque tôda essa beleza tinha o seu cunho puramente teatral—êsse cunho preliminar de todos os fonofilmes aparecidos logo após o advento do som assimilado á imagem. E se algum publico se prendeu por isso, se alguns espectadores sentiram atracção por essas produções reflectindo apenas o que não podia ir além dos tablados êsse entusiasmo pouco durou.

Os esforços de trinta anos de cinema, atingindo uma técnica superior de possibilidades expressivas, fôram postos de margem, para darem logar á «camera» estactica, amarrada a um plano duradoiro e infindável, dentro do qual tôdas as «vistas» teriam de correr. A objectiva perdera êsse poder scrutador de imagens, encarando-as sob os ângulos mais diversos e dando-lhes sentido estético e significativo.

Os velhos processos do cinema nos seus primeiros anos, ressurgiram—paradoxalmente. E o publico começou a brêve trecho a sentir-se saturado dêsse retrocesso cinematográfico.

Alguns realizadores desculpavam-se com a impossibilidade de conseguir dar-se os fonofilmes sob os moldes da técnica estilizada atingida no domínio do silêncio. A êsses faltava-lhes talento, ou vontade de se abalancar na depuração do cinema falado.

Que rica oportunidade, foi o fonocinema, nos seus primeiros passos, para os directores cinegráficos sem grande talento. Entre teatro e cinema, a diferença pouco se notava.

René Clair ainda foi um dos primeiros (eu creio mesmo que o primeiro) a romper com essa rotinice com que se pretendia escravizar tristemente a arte das imagens, dando-nos «Sob os Telhados de Paris,» onde demonstrou já o caminho a seguir pelo fonocinema.

Deu-se então a reacção de todos os lados e os fonofilmes foram-nos surgindo mais moldados sob os recursos puramente cinematográficos—isto é, mais fortes de imagens que de palavras—dia para dia, com persuacção e evidência, até atingirem a «finesse» de «Ruas da Cidade» ou a pureza dos «Irmãos Karamazoff».

Hoje pode dizer-se que em cêrca de quatro anos a técnica cinematográfica, absurdamente vilipendiada a princípio com a surpresa do som, retomou o seu verdadeiro logar—embora harmonizada com o microfone.

\* \* \*

Os «exteriores» voltaram ao «écran» com tôda a sua pujança e frescura. Os «micros» a princípio receosos do ar livre, já captam os ruídos naturais, aquêles que a natureza lhes dá, verídicos. E' certo que por vezes estes têm de ser substituídos por outros creados á sua semelhança nos laboratórios, mais perfeitos e nítidos, mas a verdade é que se consegue a ilusão necessária para o espectador. E' depois, isso que importa, não é artificial, quasi tudo quanto nos aparece na têla? E todavia há sempre nos filmes um ar forte de verdade. E' a Arte.

Mas o regresso do «exterior» á têla é duma importância capital.

Já não há hoje quem desgoste do fonocinema e exponha enfatuadamente a sua sistemática predilecção unicamente pelo cinema silencioso. Essa ala de cinéfilos ofensivos que se levantou apocaliptica, ante a nova modalidade, desfez-se a pouco e pouco ante a fôrça e a evidência do progresso fonocinematográfico. Lentamente foram cedendo, até concordarem plenamente de que afinal o som em nada pode prejudicar a imagem—antes pelo contrário.

Eis-nos com o cinema no seu logar.

\* \* \*

E' vulgar ainda ouvir-se dizer que não voltamos a ter uma época de tão bons filmes, semelhante áquela que precedeu a decadência da cinematografia muda, há pouco mais de uma meia dúzia de anos em que os filmes—imagens se manifestaram na sua mais expoente beleza, especialmente gerada pelos alemães.

Isso demonstra certa falta de observação e um pouco de insensibilidade. O ano de 1932, ficou assinalado indiscutivelmente como um dos mais excelentes da produção cinegráfrica internacional. Enumerar aqui os filmes parece-me desnecessário. Compulsem a memória e no desfile dos títulos das películas apresentadas no ano findo, verão que grande número delas se salientaram duma fôrma merecedora da nossa mais sincera admiração, umas pela sua concepção artística, outras pelo seu carácter social e ainda outras por ambas as qualidades.

J. Alves da Cunha.

# LUCIENNE BOYER

entrevistada pelo Loubet para a "Invicta-Cine,,

Rive Gauche—Montparnasse: a Ciência e a Alegria—  
«Chez Clochards» — «Prenhez mes roses...» — As  
luzes do Luna Parck — «Cock-Tail Lucienne» —  
Flores, pássaros, vida! Maneira de ir ao teatro...

Naquela tarde esteve frio. A minha companhia de passeios—uma parisiense que ainda não apresentei aos meus leitores—queixáram-se, afagando-se mais no seu grosso casaco de *petit-gris*, quando saímos, já ao principiar a noite, do Museu Grevin, nos *boulevards*, depois de percorrermos as vastas galerias das figuras de cêra, lembrando a conveniência de aproveitar-mos a noite em qualquer *dancing* gosando a tepidez acariciadora de tôdas as *boites de nuit*, ou assistindo a qualquer espectáculo de qualquer teatro ligeiro de Paris.

Mademoiselle Mary é redactôra do formidável semanário francês, *Detective*, a melhor publicação do género em todo o mundo. Pequena, viva, mechida, falando muito, lutando sem cessar, Mary foi ara mim em Paris a *cicerone* ideal, percorrendo comigo bairros inteiros, visitando museus, teatros, jardins,—tudo enfim.

Em Paris era difícil encontrarem-me só. Ou o Geo Poiriet com a sua gentileza e a sua paciência, ou a linda Mary com a sua elegância e a sua *fitness*. Alguns dos dois aturava as minhas curiosidades, a mania das minhas reportagens ou a necessidade das minhas entrevistas. E nunca se cançavam, jámais mostravam enfado. Naquela tarde fria foi Mary quem se pendurou ao meu braço e combinou comigo a melhor maneira de passar a noite. Aceitei a sua primeira lembrança. Iriamos outra vez a Montparnasse, ao Quartier Latin, à Rive Gauche—estava assente. E depois do jantar no «La Grille», rue du faubourg-Montmartre, (que aqui recomendo aos meus leitores), lá fomos, vagarosamente para fazer horas. até ao bairro mais pitoresco da enorme Cidade de Luz, de braço dado, muito juntinhos, como dois namorados ou como dois amantes, em Paris todos os pares parecem apaixonados mesmo os dos velhinhos que já têm os cabelos brancos...—parando só em «Chez Chochards», um dos *dancings, bars e cabarets* mais elegantes e mais caros.

É uma imensa *cave-restaurant*, repleta de gente, de *smoking* e vestidos de milionários.

Nos subúrbios do Sena, reune á volta das suas mezinhas, a fina flôr dos parisienses e quantos estrangeiros ricos e curiosos, passam pela capital de França. É claro que eu fui destes últimos...

Bebida a primeira taça de *champagne* e apagada a luz branca, forte, a orquestra principia uma valsa triste, enquanto uma artista que não conhecemos no primeiro olhar, canta numa lamentação, como numa infelicidade dolorosa:

**Prenhez mes roses,  
Prenhez mes fleurs...**

Imediatamente, cerrando os olhos, lembramos certa sessão do Agua d'Ouro em que num complemento do programa, uma actriz cantava a mesma canção triste, melodiosa, linda.

Mary ao meu lado, segreda-me:  
—É lindo, não? Nesta luz, nem verde, nem azul, tem um sabor!...  
—Conheces o nome dela?  
—Da música? perguntou.  
—Não, não. Da cantora.  
—Conheço: é Lucienne Boyer, por sinal uma amiga minha.

Pensei logo na fatal entrevista. Mary, sorrindo, foi sósinha falar-lhe em mim e trouxe o prometimento de que me atenderia no dia seguinte na sua própria casa. Rejubilei. Mary dansou com todos quantos vieram convidá-la: um rapaz loiro, esguio, tipo de inglês ou sueco, um velho calvo que batia as sílabas com pretensão quando falava e um mocetão de cabelo á Ramon Novarro que mostrava a todos um anel de braço rendilhado.

Às cinco horas da manhã, ainda escuro, saímos. Muita gente ainda nas ruas, na «Coupole» nos *cabarets* por onde tinhamos de passar.

É Montparnasse, o Quartier Latin! Todos quantos lá vão enebriam os seus sentidos com aquelas duas palavras mágicas, as gazúas do bairro mais interessante e mais cosmopolita do mundo.

É o *quartier* dos que estudam, dos que pensam, da intelectualidade que vai iluminar-se á cidade da luz, beber as suas leis, aprender a sua ciência.

Com a Sorbonne para os vivos e o Panthéon para os que a Morte já ceifou, Montparnasse, o Quartier Latin, possui no seu meio, além doutros templos do saber, as mais elegantes *boites de nuit*, aquelas casas onde a Alegria rebenta em mil gargalhadas, cheias de saúde, de mocidade, impondo Paris como a capital do Prazer, a metrópole do gôso e, sobretudo, uma Lucienne Boyer, uma admirável e gentilíssima actriz para entrevistar.

Lucienne Boyer vive num lindo e cómodo *appartement* para lá de Etoile, muito próximo de Neuilly-sur-Seine. Das suas janelas, grandes, airozas, vê-se lá longe, o Arco do Triunfo, que todos os leitores conhecem através de todos os documentários e jornais cinematográficos, e um pouco á esquerda as luzes do Luna-Park, o local de diversões por onde passam todos os estrangeiros que vão a Paris, as costureirinhas galantes, os empregados dos *magazins* e... os outros.

Na sala onde aguardo Lucienne respira-se um certo gôsto, uma predilecção artística, nos moveis, nos quadros que enfeitam as paredes, em todos os *bibelots*. Um grande *divan* rodeado de livros—autores que conheço predominando Gide e Maurois.

Flôres por toda a parte, muitas flôres. Ali um Buda pensativo, curvado, a olhar para o ventre—um ventre inchado pela dispepsia ou pela incompetencia do cinzel do autôr. Acolá alguns animais em vidro, onix ou ambar, interessantes, decorativos, de tipo oriental. E... não tenho tempo para mais.

—Então, gosta do meu pequenino *appartement*? Mas não repare em tudo. Olhe estas flôres, já secas, já murcenas!

—E chamando para dentro:  
—Madeleine! Madeleine!!



A gentil Lucienne Boyer preparou-nos por suas mãos o «cock-tail» do seu — nome. —

Uma credita sem género, de olhos pesados e pés desconformes, apareceu inquirindo.

—Então tu deixas estas flôres aqui?!  
E logo adoçando mais a voz:  
—Traz o aparelho para fazer um *cock-tail* Lucienne, depressa, ouviste?  
E estende-me a mão, uma moosinha linda, mimosa, obrigando-me a sentar num pequenino *môcho*, entre almofadas japonêzas e principiou por acender duas cigarrilhas «Balto», o cigarro da moda que Paris fuma agora. Principiou a falar:

—Gosto deste meu *interior*, sabe. Passo dias e dias a ver Paris, quando êle se ilumina, quando êle se abre. se oferece para a vida de noite. Ali o Luna-Parck—sonho dourado de tôdas as raparigas—é ainda também um motivo dos meus sonhos. Olho muito as suas lâmpadas de côres, a queda vertiginosa dos que viajam nas Montanhas Russas, as voltas sem fim dos que vão nos aviões... Depois, no final, atentamente, reparo nos que saem daquela *boite* sem teto, daquele recinto encantado e vejo-os tam alegres, tam contentes, que chego a sentir-me tam feliz como êles, empurrada pelas mesmas ilusões, enlevada pelas mesmas esperanças e desejos.

—Gosta então muito das luzes do Parck?—preguntei.

—Se gosto:  
A tal Madeleine traz o *aparelho* e meia dúzia de garrafas de licôres vários.

Lucienne vai preparando o *cock-tail* e responde á minha pergunta:

—Daqui desta janela, o Luna-Parck parece-me um lugar *defendu*, privado, escondido á curiosidade dos meus olhos. Já tive também tantas ilusões...

—Falemos doutra coisa que não escureça o seu lindo olhar.

—Não, não. Você hoje julga-me como ontem em «Chez Chouchards», não é assim? Mas engana-se. Eu amo a vida, o céu, as flôres, os pássaros. Tudo que é alegre, afinal. Olho para a existência com otimismo, como se tudo fôsse de facto ótimo. Por exemplo: quando chove ou as ruas se enchem de neve, eu continuo alegre na mesma, como se o céu continuasse bonito e o sol atirasse sobre o meu Paris os seus raios deliciosos. É do *sport* talvez. É claro que também penso muito nos que não tem casa—eu também tive

(Conclui na última página)

# UMA ENTREVISTA COM O REALIZADOR ERNST LUBITSCH

## Ligeiro preâmbulo

Ernst Lubitsch conhecido director americano (mas europeu de nascimento) veio ultimamente à Europa, num passeio de férias, julgamos nós —intervalo da sua vida activa nos estúdios americanos— e em Paris foi entrevistado por um inteligente colaborador da excelente revista «Cinémonde» que lhe fez algumas perguntas tão interessantes que não resistimos à tradução da sua entrevista, por achá-la de interesse para todos os bons cinéfilos.

Lubitsch foi o realizador dos fono-filmes *A Parada do Amor*, *Monte Carlo*, *O Tenente Seductor* e *Uma Hora Contigo*, filmes de sucesso especialmente comercial, embora sem nêles descurar o interesse artístico. Mas os nervos que animaram o famoso *Leque de Lady Margarida* não reviveram mais numa idêntica manifestação tão perfeita e estilizada.

Lubitsch dirigiu na Europa alguns filmes, entre os quais *Madame Dubarry* cujos intérpretes foram Pola Négri e Emil Jannings.

Muitos dos velhos cinéfilos se não-de lembrar dêsse filme apresentado no «Trindade» há mais de uma duzia de anos.

Mas, um dia, os americanos lembraram-se dêle, como se lembraram de Pola Negri e depois de Emil Jannings e tantos outros, e levaram-no.

O que se segue dá-nos algumas opiniões de Ernst Lubitsch—hoje director de filmes americanos:

## Como êle conquistou a América

Aproveitei a passagem de Lubitsch em Paris para fazer-lhe algumas perguntas fóra do convencional, daquelas que se fazem a todos os viajantes ilustres que veem a Paris:

—Agrada-vos Paris? E as mulheres francezas?

—Sim. As mulheres são as mais sedutoras do mundo, etc...

Lubitsch quando se acha disposto é um conversador esplendido. Ele tem visto muito, tem uma grande experiencia das coisas é viajado por toda a parte.

Confortavelmente instalado num fauteuil fumando o seu inseparável charuto, ele fala sôbre coisas e pessoas, de opiniões desiludidas, maliciosas e claras.

—Eu desejava, sr. Lubitsch, que você me falasse do cinema americano e da America. Muita gente, por cá, torna responsavel a "americanisação" do estado actual do cinema. Você não ignora que acusamos os americanos de terem assassinado o gosto do publico, atendendo mais á quantidade do que á qualidade. Parece-lhe que temos razão?

—Sim e não. Ou melhor, antes de lhe responder directamente, vou contar-lhe a minha entrada na América:

Em 1922 fazia eu em Berlim, filmes historicos de grand «mise en cène». Um dia o empresario de Mary Pickford procurou-me dizendo o seguinte: — «Quantos figurantes utilizou você no seu ultimo filme?» — Cinco mil, respondi eu. — E cavalos? — 500. — E Elefantes? — Dez.

O empresario desata a rir e diz-me triufante: — «Pois bem, você deve vir para Hollywood. Lá terá você cincoenta mil figurantes, cinco mil cavalos e cem elefantes. E os vossos ganhos serão aumentados tambem na mesma proporção!»

Concordei.

Dirigi então em Hollywood um filme de *grandissima* «mise en scène», o meu primeiro filme americano. Mas êste foi um desastre. Quem muito quer mostrar, nada consegue.

E os meus produtores mostraram-se desolados

Senti então que era o momento de eu falar tambem e dar uma opinião. Eis o que eu disse:

«Vejam, senhores: acabamos de empregar o vosso sistema americano sem sucesso. E se nós tentassemos agora um outro sistema? Se fizemos um filme com menos figurantes, menos cavalos, menos elefantes e mais espirito?...»

Lubitsch mostra-se contente e ri. — *Und es hat geklappt!*,- diz êle.



Lubitsch com Chevalier, quando se realizava "A Parada do Amor".

E consegui o que queria. Mr. Warner, um homem inteligente e que nada receia, permitiu-me crear, na América, um novo género cinematográfico, um género que os americanos desconheciam ainda—a comédia sentimental, ligeira e espirituosa. E posso gabar-me, eu, um alemão, de ter introduzido na América o espirito francez, esse espirito de «Avant guerre», creio eu o que hoje vai desaparecendo entre vós.»

—Robert de Flers?

—«Sim. Robert de Flers foi o ultimo dos melhores representantes desse espirito que vale bem mais do que o espirito mórbido de uma determinada literatura dramática. O «boulevard» parisiense de 1914, conheci-o eu. Trabalhei nesse tempo com uma «troupe» alemã no «Vaudeville», agora o grande «Paramount».

«E sabe porque é que vocês fingem já não gostar do «Avant guerre»?». Porque sentem uma espécie de inveja da felicidade dos dessa época, ciumes da sua despreocupação e da sua riqueza...»

—Bem sei; mas nós falávamos do cinema americano...

—«De facto. Ai está o que eu pretendia dizer-vos: Os americanos não são tão terríveis como parecem. O que detestam é todo aquele que pretende lá fazer escândalo.

E' necessário saber compreendê-los. Demonstrei-lhes que tendes razão e êles escutar-vos-hão. Mas demonstrei-lhes com *factos* Para êles, só êstes importam. Os raciocínios abstractos não lhes interessam, nem querem conhecê-los.»

—A vossa série de comédias sentimentais têm conquistado sucesso na America?

—«Um grande sucesso. Por outro lado, a situação foi bastante favorável. Era a época em que todas as mulheres americanas desejavam

(Conclui na ultima página)

# DA VIDA CINEGRAFICA



Annabella e Albert Pregean, os simpáticos artistas de «Uma Noite de Rusga», vão aparecer-nos dentro em breve em «Um filho da América».

## Novas versões de velhos filmes

Com o fonocinema, deu-se uma ressurreição de vários assuntos já filmados durante o cinema silencioso. Não há pouco, vimos *Atlântida* e *Mandragora* filmes que há anos já foram vistos na tela muda. E muitos outros veremos ainda. Constatem, pelos filmes que designamos a seguir e que estão sendo realizados ou recentemente concluídos: *Os Miseráveis* de Victor Hugo — já realizado em 1913 por Capellani e em 1926, por Henri Fescourt; *As Duas Orfãs* de Ennery — adaptada ao cinema há uns dez anos por David W. Griffith; *Les Gaietés de l'Escadron* de Courteline, filmado antes da guerra por Joseph Faivre; *Tartarin de Tarascon* de Daudet — levado ao écran em 1920; *A Mulher Nua* de H. Bataille — filmado a primeira vez em Itália, durante a guerra e mais tarde por Leonce Perret, em França; *Don Quixote* — realizado em 1926 com os conhecidos cómicos Pat e Patachon; *Mater Dolorosa* de Abel Gance, feito a primeira vez em 1917; *O Homem do Hispano* realizado em 1926 por Julien Duvivier; *Violetas Imperiais* de H. Rousset — dirigido pelo autor

em 1922; *Poil de Carotte* — filmado em 1924, por J. Duvivier; *A Batalha* de Claude Farrère — levado á tela em 1920 com o japonês Sessue Hayakawa; *Suzy Saxophone* — já realizado em 1926; *Tarzan* — filmado na América durante a guerra; *Chouchou Boxeu* — filmado por Gaston Ravel em 1925 com André Roanne.

Mas há mais que não mencionamos e outros que se projectam adaptar de novo em versão sonora e falada ao cinema.

Quando não haja melhor vantagem de tal repetição, aquêles que viram em tempos as primeiras versões, têm agora ao menos a impressão de rejuvenescer um pouco. Recordar... .

## Portugueses num filme americano

Gilberto Souto o representante da «Cinearte» em Hollywood, enviou para a sua revista uma crítica, a respeito do filme *Tiger Shark*, da Warner Bros na qual diz o seguinte:

«A Warner-First National pôde, desde já, preparar-se para chamar muito público com este filme. Ele é esplendido, cheio de acção, com

momentos de drama, comédia, romance e um elenco homogéneo, perfeito, onde se salienta o desempenho dessa grande figura, Edward G. Robinson. Mas aí no Brazil, o filme fará sucesso dobrado, Robinson encarna a figura de um pescador português de São Diego, localidade onde vivem inúmeros lusitanos. A sua caracterização é perfeita e aquêles seu bigode é o que ha de mais notável! Robinson diz as seguintes frases em português: — «raios os partam... — filhos do diabo... — corja maldita...» — Pronuncia *vinho* e na cena da cerimonia do casamento, o padre — aliás um português autentico, o padre Manoel Vicente, da cidadezinha de Artésia, pronuncia um pequeno sermão em português que pôde ser compreendido por todos. A Warner procurou todos os meios para dar ao filme cor e actualidade, Henry da Silva, português que há muitos anos trabalha em filmes, serviu de técnico, ensinando a Robinson a pronuncia e ajudando o director Howard Hawkes (que realizou *Scarface*) em muita coisa. Na sequência da festa do casamento, Henry da Silva conta uma anedota em português — há músicas e canções também portuguesas». Gilberto Souto estende-se ainda sobre a factura excelente do filme e dá parabens á Warner Bros.

Já agora, manifestamos também o nosso interesse pelo filme que mostra personagens portuguesas. As frases acima citadas têm, pelo menos, muita cor local...

## Clark Gable é um tímido...

Clark Gable, o artista da Metro-Goldwyn que se está tornando popular entre nós é bastante tímido, ao contrário do que nos diz a tela.

Não há nada que mais o perturbe do que a aproximação das suas admiradoras. Um dia, uma mais arrojada, conseguiu aproximar-se d'ele em sua casa, para conseguir uma fotografia dedicada. E sem mais preâmbulos, muito cheia de cumprimentos e elogios pediu-lhe uma fotografia. Clark Gable é casado com uma mulher que adora imenso. Mas ante o exagero das manifestações de admiração da pe-

tulante jovem córou até á raiz dos cabelos.

Vocês estão a imaginar a confusão da cinéfila ousada, em face dum homem que ela imaginava na vida real exactamente aquilo do «écran»?!

E foi com descontentamento que se dirigiu a seguir nestes termos ao seu galã predilecto:

—Provavelmente, o cavalheiro é um irmão gémeo de Clark Gable?

O conhecido artista aproveitou a oportunidade para se escapar do embaraço:

—Realmente assim é. E por isso, torna-se-me impossível dar-vos uma fotografia dedicada. Tem de contentar-se com uma sem dedicatória. Desculpe-me!»

A jovem continuou na sua ilusão e Gable livrou-se dum sarilho.

Mas, vocês gentis leitores, desiludam-se!



E se nomeássemos agora Kathe de Nagy, nossa madrinha?



A «ingrata» da nossa madrinha já partiu para a América.

## Marlene deixará a América?

Marlene Dietrich é muito considerada por todo o pessoal dos estúdios, electricistas, mecanicos, assistentes, operadores, enfim por todos, que mais ou menos se dedicam a confecção dum filme.

A seductora vedeta alemã, atracção principal dos filmes de Sternberg, é a mulher mais simples e dada que se pode encontrar. Ela não esquece que deve o seu êxito a um acaso e lembra-se ainda dos anos difíceis de quasi insignificancia por que passou. Quem a vê nos filmes e nalgumas fotografias feitas pela publicidade, não adivinha isso e crê até que se trata duma mulher egoísta e presunçosa, capaz de desprezar toda a gente e sobretudo os que lhe são inferiores. Nada disso. A vida particular das artistas é tão preocupada ou mais do que a nossa. Não têm essa vida fantástica que o «écran» transparece.

Marlene anda agora bastante receosa pela segurança da sua filhi-

nha que os «gangsters» ameçam raptar. O caso do filhinho de Lindberg não lhe sai da ideia. E por isso, noite e dia, a sua pequena é guardada por detectives. Inconvenientes bem duros da fama...

Fala-se na retirada, da América, da *venus loira*, aborrecida com esta vida de sobresaltos, apesar da dedicação de todo o pessoal dos estúdios, seu amigo, e que se encarrega de velar também pelo bem estar da sua «estrela».

A ser verdadeira a noticia, a empresa que a tem sob contracto, deve esforçar-se bem para evitar tal abandono. E' que Marlene Dietrich, é uma esplendida atracção.

**Que ricas manas!** Sabiam que as irmãs Talmadge são todas três divorciadas?!

Constança é, do trio, a que conhece melhor as leis do divórcio, pois tem sido casada várias vezes. E provavelmente a conselheira das outras...

Nathalie ainda últimamente se achava ligada ao popular Buster Keaton (Pamplinas).

Quanto a Norma, tinha como espôso o conhecido productor americano Joseph Schenck. Norma esteve no México para se divorciar, porque é neste país que os artistas americanos conseguem libertar-se mais rapidamente dos seus laços matrimoniais,—a lei mexicana permite resoluções práticas neste sentido.

Norma Talmadge está disposta a casar de novo, com George Gesel, um comediante muito apreciado na América.

# Jornal H. da Costa

## UM FILME ONDE TRIUNFAM O AR-LIVRE E O AMOR VIAGEM DE NUPCIAS



Pierre Brasseur, cómico impagável, e Jacqueline Made, uma nova e prometedora actriz, numa das cenas mais graciosas de «Viagem de Nupcias»

Um dos filmes da época passada que maior êxito alcançou em Lisboa e no Porto foi, sem dúvida, *Dois num automóvel*. E isso porquê? Por ser um filme alegre, arejado, cheio de situações cómicas e de paisagens lindíssimas.

O seu realizador foi, como é sabido Joe May, o excelente encenador alemão, a quem o cinema deve alguns dos seus maiores triunfos silenciosos.

Pois ides vêr um filme que é, sob todos os pontos de vista, superior. Intitula-se *Viagem de Nupcias*, também foi realizado por Joe May, de colaboração com o seu ex-assistente Erich Schmidt, e também não lhe faltam cenas alegres, ar livre e panoramas admiráveis. A interpretação também não é em nada inferior à de *Dois num automóvel*.

Três dos nomes que reúne, são sobejamente conhecidos para valer a pena insistir nos respectivos méritos: Brigitte Helm, Pierre Brasseur e Albert Préjean. Um outro nome que figura no seu *cast*, aparecendo pela primeira vez, não tardará em

andar na bôca de todos os cinéfilos: Jacqueline Made.

Estreante, Jacqueline Made portou-se como uma grande actriz. As suas qualidades evidenciam-se mais ainda pelo facto de a vermos trabalhar ao lado de uma artista de grande escola e já longa carreira; Brigitte Helm, que com ela rivalisa no desempenho... e no coração do protagonista masculino, Albert Préjean

Pierre Brasseur, nome conhecido dos frequentadores dos teatros de Paris, impôs-se aos cinéfilos com três breves aparições em três únicos filmes: *Um Homem Feliz*, *Quick o palhaço* e *Um Sonho Dourado*.

*Viagem de Nupcias*, projectada na tela de São Luís, entusiasmou Lisboa. Outra coisa não pode acontecer no Porto, onde a veremos, a partir de segunda-feira, no São João.

Joe May deslocou-se propositamente ao sul da Itália para filmar algumas cenas de *Viagem de Nupcias*. Vemos assim imagens magníficas da Riviera italiana, de Capri, de Nápoles, e do Vesúvio.

## Minha mulher não quiere filhos

A Agência H. da Costa já tem o exclusivo para Portugal do filme *Minha mulher não quiere filhos*, extraído do célebre romance de Clément Vautel *Madame ne veut pas d'enfants*.

O nome do argumentista e o dos três intérpretes principais, que são Marie Glory, Guy Sloux e Etchepare, são mais que suficiente garantia de êxito.

Quem já leu o romance não deixará de vêr o filme. Quem ainda o não leu, deverá também vê-lo, com a certeza de que não descansará enquanto não lêr êsse espiritoso livro, de que é digno tão espiritoso filme.

## I. F. 1 NÃO RESPONDE

Dentro de poucas semanas, a Agência H. da Costa vai apresentar em Portugal o mais caro e o mais recente dos filmes da Ufa, ainda em via de conclusão, e que será certamente o seu maior sucesso dêste ano: *I. F. 1 não responde*, a monumental super produção de que já demos aos leitores de *Invicta-Cine* as esmagadoras características.

### CARTAZ

Filmes da AGENCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA, L.da,  
em exhibição

No Porto:

**VIAGEM DE NUPCIAS**

no SÃO JOÃO

**O Principe da Arcádia**

no TRINDADE

Em Lisboa:

**FRANKENSTEIN**

(O homem que criou um monstro)

no SÃO LUIZ

**Eu de dia e tu de noite**

no CENTRAL



ALMA RUBENS, *victima dos estupefacientes...*

# ESTRELAS QUE DESAPARECERAM...

pática, tipo então do chamado rapaz moderno de hoje.

O grande producer Tomás H. Ince, um dos pioneiros do cinema americano é outro morto ilustre.

Depois de ter levado uma vida um pouco irregular á qual não resistiu o seu frágil mas esbelto corpo, Barbara La Marr morre no apogeu da sua carreira.

Que saudades, dos seus olhos negros e meigos, tenho, quando ás vezes saciados de fitar as nossas extravagantes estrelas de hoje, eu pedindo auxilio ao meu arquivo, me transporto uns anos atraz, e se me depara Barra, a inegalável Barbara La Marr!... Que saudades!

Em 1926, depois de ter conquistado grande fama, morre Valentino, duma morte que ainda se não conseguiu apurar a causa de verdade.

Foi uma falta que adentro da cinegrafia *Yankee* ainda se não conseguiu reparar. O vácuo deixado por o famoso Rudy, para o preencher com iguais vantagens, tem posto os cabelos brancos aos imperadores de Hollywood, sem no entanto até hoje encontrarem substituto.

E' vér a série de cavalheiros que debaixo do seu nome tem trazido a já sacramental legenda: «Sucessor de Valentino».

Emilio Ghione depois de ter sido um dos ídolos do mundo, morre esquecido e abandonado por todos num hospital, para onde entrára por favor e depois de ter conhecido dias de grande miséria.

Triste fim o do famoso *Zá-la-Mort!*

Quasi nas mesmas condições, depois de ter perdido todo o dinheiro que possuía vai-se Larry Semon o conhecido *Pencudo*.

Victima da rotura duma veia na garganta, quando ensaiava a voz, sucumbe um dos mais extraordinários artistas que até hoje apareceu no cinema: Lon Chaney.

Lon, pode dizer-se que foi a primeira victima do cinema falado. Como Chaplin, Lon detestava os *talkies*, mas a *Metro* impoz-se. Que falava ou o seu contracto ficaria sem efeito. Falou e encontrou a Morte.

Apesar da sua repugnância pelo falado Lon no unico filme que entre nós foi apresentado mostrou-nos que a sua arte em nada perdera, antes pelo contrário.

Voltemos de novo a França onde a morte entretanto tem continuado a sua acção de destruidora indomável.

São desaparecidos mais três valores um dos quais de importancia máxima: Max Linder.

O famoso cómico, que foi mestre de Charlot, causou a maior desolação, em todo o mundo, com o seu trágico suicidio.

Os que de perto privavam com o grande cómico apesar de lhe conhecerem o seu firme proposito de tarde ou cedo liquidar com a vida, nunca supuzeram que o fizesse da maneira que o fez.

Morreu cansado da vida, depois de nela ter colhido dois dos seus melhores fructos: a fortuna e a celebridade. Faltou-lhe porém aquêlê sem o qual a vida se torna num inferno permanente: a felicidade.

Talvez que Max cansado de a procurar na vida a tenha encontrado na morte.

Acicatada por vários desgostos íntimos, a proposito dos quais correram várias versões, Claude France poz termo á existência.

Há quem afirme que ao fim trágico da loira Claude não são estranhos certos assuntos relativos a Mata-Hari a famosa bailarina fusilada em Vincennes.

Dizem ter sido ela uma das causadoras do fusilamento e que vencida pelo o remorso se suicidou.

Há quem fale, também, numa historia de amor mal correspondido.

René Navarre é outro talento extinto pela morte, em França, assim como Pierre Batcheff que, embora russo, também no mesmo solo onde interpretou papeis de grande valor. Que me lembre, por exemplo, *Os Amores da Meia Noite* onde fez o protagonista merecendo então da critica de todo o mundo os mais rasgados elogios.

Para sempre também se fecharam os olhos e perturbadores da fascinante Lya de Putti, a vamp famosa de *Variedades*. Alma Rubens é outra que como a Wallace Reid o vicio venceu.

Milton Sills bem como Fred Thompson já não pertencem ao numero dos vivos.

Mas há mais a juntar a lista negra como por exemplo: Mabel Normand, Arnold Kent, William Russel, Paul Leni, Theodore Roberts, Marieta Millner e muitos outros que não só me não ocorrem como o publico já esqueceu.

Que tenham encontrado na morte o soco e a paz que lhes faltou em vida.

A. RODRIGUES D'ALMEIDA



PIERRE BATCHEFF

*Actor de merecimento que a morte também levou*

A morte, na sua marcha de feroz aniquilamento, não tem poupado os artistas do filme. Já é grande o número dos desaparecidos, a maior parte dos quais arrancados á vida quando a fortuna e a celebridade os começava a colher nos seus cubiçados braços.

Os que teem partido, para jamais voltarem, não sei porque estranha coincidência, são precisamente aqueles qu: possuem maiores méritos.

Quasi sou forçado a aventurar que a morte os escolhe ávida da sua arte.

Sobre alguns já a sombra do esquecimento caiu, estando presentes sómente na memória d'alguns dos seus mais devotados admiradores, que por uma questão de fanatismo, talvez, ainda não encontraram quem os substituísse.

Outros parecem ter levado consigo para a morte tudo que os ligava á vida.

O tempo corre, outros vão aparecendo, que bem ou mal vão suprimindo a sua falta. E tudo passa tudo esquece!...

E' assim a vida!...

A ceifa impiedosa, começou ha doze anos pela simpática actriz francesa Susana Grandais, morta num estúpido desastre de automovel. Era nessa altura uma das figuras mais brilhantes do cinema europeu e foi a primeira grande perda do cinema francês.

A seguir, a França cinegráfrica vê-lhe fugir, num curto espaço de tempo René Crésté, Séverin Mars Gaston Michel.

O primeiro foi o inolvidável Judex e o protagonista do célebre Tih-Minh. (Lembram-se dèste filme?)

Séverin Mars foi um grande auxiliar de Abel Gance com as suas maravilhosas interpretações. Se a *10.<sup>a</sup> Sinfonia* e *A Roda* ficaram célebres na historia do cinema, em grande parte se deve ao talento insofismável do que em vida foi Séverin Mars.

Gaston Michel, victima duma pneumonia, morreu em Lisboa, onde tinha vindo filmar alguns exteriores para o filme *Parti-sette*, da então alameda marca *Gaumont*.

Para a mesma casa fez o célebre *Barabás, Vampiros, As duas garotas, A Orfã*, etc., que há anos fizeram as nossas delicias.

Na América desaparece, em 1922, o actor Wallace Reid, de quem Valentino foi sucessor em popularidade, victima do vicio dos estupefacientes.

Muito dado aos sports, em especial ao automobilismo, Wallace era uma figura sim-



## PELOS CINEMAS DO PORTO

S. João-Cine—*A Leste da Ilha de Bornéio*

Ao vêr este filme tive a impressão de voltar aos velhos tempos do cinema silencioso, em que a gente via «Atravez da África Selvagem» e «O Túmulo Indio».

E' tal qual êsse género de produções, que não me admira de vêr ressuscitar no «écran».

Depois da ressurreição do filme de «cow-boys», e do filme policial, era de prevêr

Observa-se nelle os recursos dos grandes terrenos da «Universal», onde tudo se encontra, até á selva com os respeitantes animais ferozes.

Parece-me que o filme ainda entusiasinou algum público. Quanto a mim, devo frisar que se deu precisamente o contrário.

Achei tudo aquilo muito artificial e um tanto disparatado (para que negá lo) que considero «A Leste da Ilha de Bornéio» uma fraca produção. A realização de George Melford nada tem de excepcional e os intérpretes Charles Bickford, Rose Hobart, Lupia Tovar e G Renavant aceitam se.

J. A. DA C

*Olímpia — A Mulher X*

Será isto um filme do «ano morto»?

O assunto não é novo, porque como dizem os programas, já foi representado no nosso teatro, com o título de *A Primeira Causa*

E' indubitável que o título da peça teatral foi duma felicidade mais flagrante que o desta versão cinematográfica.

O filme, de novo, também nada possui. Atestam-no perfeitamente as características dos primeiros filmes sonoros, isto é, diálogos intermináveis e uma imobilidade de camera quasi irritante.

Hoje, tornar-se-ia insuportável, se não tivesse a salvaguarda-lo uma

# OS FILMES QUE NÓS VIMOS

interpretação mui o feliz de Maria Ladron de Guevar.

Sem outro valor além deste, sem música e quasi sem exteriores (apenas tem dois), *A Mulher X* torna-se por vezes fastidiosa.

Carlos Borcosque foi o realizador. Este homem iniciou há dias, em «Cinelândia» a publicação duma série de artigos explicativos das fases da feitura dum filme. Pelo visto, melhor faria aprendendo aquilo que pretende ensinar.

A interpretação tem o seu fulcro em Maria de Guevara, uma actriz, de facto, brilhante.

O resto do programa foi preenchido com películas de agrado.

C. V.

## PELOS CINEMAS LISBOETAS

S. Luiz — *Viagem de Núpcias.*

Um filme agradabilíssimo!

Tendo a mesma base que *Dois num automóvel* (Uma viagem á Côte d'Azur) *Viagem de Núpcias* é-lhe muito superior pela técnica, pelo bom gosto e pelo espírito.

Joê May que com *Dois num automóvel* abordou pela primeira vez o género ligeiro, amável, superficial, triunfou nesse género com *Viagem de Núpcias*

Na verdade, deu nos um filme delicioso, cheio de ritmo, onde situações engraçadas—que não caem, todavia, no burlesco—se intercalam com outras levemente sentimentais, tudo isto enquadrado numa paisagem de maravilha: O Mediterrâneo, a Riviera Italiana, o Vesúvio, Nápoles, Capri...

Tudo neste filme é leve, muito

leve. Dois caracteres femininos bem desenhados.

Uma actriz, amando o marido mas colocando acima de tudo a sua carreira artística e a simples empregada duma agência de viagens, pobre, honesta e sonhadora que acaba por se apaixonar loucamente pelo seu inesperado companheiro de viagem.

Não há situações melodramáticas, não há gritos, não há desesperos inúteis

O conflito desenrola-se suavemente, logicamente, sem altos e baixos. As canções, poucas e bonitas, aparecem quando devem aparecer, tendo sempre uma justificação, e não *metidas a martelo* como nas operetas de Lubitch e quejandas.

A música foi hábilmente aproveitada

Notável, neste sentido, a cena do camarim de Anita Paglioni, quando a certa altura as palavras de Mr. Mayer, rápidas e confusas, são substituídas por sons musicais e as imagens e a música se apressam num ritmo crescente e significativo.

Brigitte Helm aparece-nos neste filme num papel totalmente diferente daqueles que habitualmente interpreta e há que concordar que, se não tem nesta interpretação mais uma corôa de glória, também não desceu do nível em que o seu nome está colocado.

Albert Préjean, um ótimo actor, natural, despreocupado, humano, numa interpretação correcta.

Pierre Brasseur, que de dia para dia se impõe mais engraçadíssimo.

Deixei de propósito para o fim o nome de Jacqueline Made, uma actrizinha que recentemente temos visto algumas vezes, cujo nome ainda não foi fixado pelos cinéfilos portugueses e que tem neste filme uma criação magnífica.

Há ainda que salientar a fotografia esplêndida, que muito valoriza as paisagens que nos são apresentadas.

*Condes — Um filho da América.*

Um filme cujo cenário seja

(Conclui na última pagina).

## BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA pelas Ex.<sup>mas</sup> Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO  
OLYMPIA  
ODEON

Encerrado temporariamente

50% de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 19 de Janeiro, ou 21 de Janeiro de 1933.

50% de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 21 de Janeiro de 1933.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

# ERNST LUBITSCH

(Conclusão)

usar só perfumes parisienses, andar com vestidos de Chanel e lêr Maurand e Maurois. A prosperidade!

Quem não viveu em Nova York, entre 1920 e 1929, não conheceu, certamente, a alegria de viver...

## Os seus projectos

— E hoje?

— «Agora já não é a mesma coisa. A crise tudo mudou e constato que o meu antigo género já não corresponde às aspirações do publico. Vou, portanto, mudar de tactica. "O Homem que eu matei" foi já uma primeira experiência. Farei ainda mais um ou dois filmes com Chevalier que é um grande actor e então abordarei o drama psicológico. Presentemente o filme que maior successo obtem na América é "Strange Interlude", adaptado da peça amarga e violenta de Eugéne O'neil. Isto prova que a mentalidade americana mudou alguma coisa».

— Para bem ou para mal?

— «Isso depende do ponto de vista de cada um. Eu, como você sabe, detesto dizer coisas com caracter definitivo. Observo a vida e procuro adaptar-me a ela; não sou um moralista...»

Lubitsch acende um novo charuto e sorri ainda mais.

— Mr. Lubitsch, pode dizer-me tambem o que pensa da situação económica americana?

— Ah, não, já falamos bastante de coisas sérias. Digo sómente que a América continua apezar de tudo, um país profundamente são. Os «gangsters» mesmo não são uma prova de decadencia. Os «gansters» são tambem são».

— Os «gangsters»?

— Sim, senhor. E eis uma prova: Um dos mais illustres «gangsters» americanos, logo que me conheceu, pediu-me para lhe indicar uma obra gastronómica, um livro sobre a cozinha franceza. Eu designei-lhe a excelente obra do doutor Babinsky, dito Ali-Bab, que foi meu amigo...»

— Und es hat geklappt?

— Ja wohl.

PAT GARRET.

# LUCIENNE BOYER

(Conclusão)

dificuldades, soufri!—e é por isso que estou sempre pronta para trabalhar para os infelizes, os que não tem o meu aconchego nem o meu otimismo.

— Mas você canta coisas tristes?...

— E' verdade. O público quiere-me assim... — «Lucienne Boyer canta coisas tristes» — diz sempre. E eu tenho de lhe dar razão, para lhe dar razão tambem aos seus aplausos. De resto, você está a ver não é assim? — sou alegre, verdadeiramente alegre.

O *cock-tail* é servido. Creação de Lucienne, tem um paladar agradável que a minha entrevistada não se cança de enaltecer.

— Sabe, puz-lhe o meu nome. A receita é minha. Acha bom?

Magnifico.

Emquanto se bebe fala-se de ninharias, da minha viagem, das outras entrevistas que já fiz, de cinema e do filme que ela fez para a Paramount.

— Pode dizer-me alguma coisa da sua vida artistica? — continuamos o questionário.

— Naturalmente. Olhe, principiei no Athenée, aos 14 anos, passando depois para o Conservatório onde estudei durante anos. Como nunca tive fortuna nem relações valiosas, lutei com dificuldades para conseguir ganhar a vida como cantora. Um dia fui ao Olimpia, ainda no tempo de Frank e de Ivonne Georges. Não fiz successo, devo dizer-lhe, mas continuei, teimei, sempre com alegria, sempre com fé. Um dia aqui, outro acolá, até chegar ao «Chez Chochards» onde sou directora. Eis tudo.

— E o seu filme?

— Não é o único; fiz vários já. A Paramount contratou-me quando filmava em Joinville.

— Das casas onde trabalhou como cantora pode dizer-me alguns nomes?

— Por que não? Tome nota: Fisher, Les Borgia, Embassy, Empire, etc.

Começou a escurecer. As ruas estão já iluminadas pela electricidade. Ao longe, o Arco do Triunfo parece uma porta aberta no céu e o Luna-Park, ali, com todas as suas luzes, com todas as suas lâmpadas lembra uma caixa maravilhosa, daqueles que as creanças movimentam fazendo faiscar cores garri-das.

Lucienne Boyer falou sempre, enchendo de encanto as horas que passamos juntos.

Encanto, numa das janelas abertas sobre Paris, ficamos algumas vezes, momentos absorvidos a ver a vida da grande cidade. A luz na sala, sempre apagada, emprestava ao colóquio qualquer coisa de misterioso e espi-ritual.

Uma campainhada forte e a luz que nos inundou, cegando-nos por instantes, fez-nos voltar a cara. A porta a minha amiguinha Mary era introduzida pela creada que, uma voz pausada, ridiculamente solene, declarava a Mademoiselle Lucienne estarem a procurá-la.

Estava naturalmente terminada a entrevista.

Saimos, depois de cumprimentos afáveis, como se já fossemos amigos velhos.

Na rua, Mary, cigarro entre os lábios como sempre, propôs:

— Olha, Émile: e se nós fôssemos logo ao Bouffes ver a Meg Lemonier?

# Os filmes que nós vimos

(Conclusão)

extraído duma peça de teatro, raras vezes consegue emancipar-se absolutamente da sua origem teatral.

E' o caso de *Um filho da América*

As imagens que constituem a primeira metade da película são absolutamente teatrais e portanto com pouco movimento.

A apresentação das personagens e o início do conflito parecem desenrolar-se num palco.

Depois o filme ganha em qualidade, torna-se mais cinematográfico, até ás últimas cenas que são *cinema*.

Carmine Gallone que a avaliar pelo seu filme *Um soir de Raflés* é um homem que sabe da sua profissão e que tem qualidades para nos dar bons filmes, tem-nos apresentado ultimamente produções que estão abaixo das suas possibilidades de realizador.

Em *Um filho da América* há apenas a salientar alguns breves e lindos quadros da colheita das flores e as cenas finais que estão muito bem montadas.

Anabella numa boa interpretação, cheia de graça e ternura Albert Pré-jéan, bem, como sempre.

Gaston Dubosc deu-nos mais uma figura enternecedora de velho. Guy Sloux, que já viramos em *O Rei dos Palaces*, confirma-se um excelente actor cómico.

FERNANDO BARROS

Carl Th. Dreyer vai filmar «Os Mistérios de Paris» de Eugéne Sue, já filmado há alguns anos.

\*

\* \*

Exibe-se actualmente com successo em Berlim «Die Unsichtbare Front» de Richard Eichberg.

Compreendi. A minha colega tinha descoberto a maneira de me fazer ir a todos os teatros de Paris e arredores, levando-a, é claro, comigo.

Sorri, condescendendo. Seria mais uma entrevista para a «Invicta», mais umas páginas desta prosa descolorida e banal.

EMILIO LOUBET

ANO X  
N.º 189  
Porto, 14-- Janeiro -- 1933

# INVICTA CINE

SEMANÁRIO DE CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO: — Rua Bela da Fontinha, 14-A

PORTO — PORTUGAL

Director: Roberto Lino — Propriedade: Emp. Invicta Cine

Visado pela  
C. de Censura  
Comp. e Imp. — Diário do Porto

REDACTORES

J. Alves da Cunha  
Fernando Barros  
Emilio Loubet  
C. Vasconcelos

EDITOR  
João Soutinho de Oliveira  
ADMINISTRADOR  
Joaquim A. Teixeira  
COLABORADOR ARTISTICO  
Fernando Lacerda

# CASTELO LOPES, LIMITADA

a firma detentora dos  
melhores filmes euro-  
peus e americanos

apresenta brevemente no Porto

A EMOCINANTE SUPER-PRODUÇÃO

## UM VALENTE

com Phillips Holmes, Telma Todd,  
Ricardo Cortez e Slim Summerville

E O ENCANTADOR FONOFILME

## UMA RAPARICA

## E UM MILHÃO

com Magdeleine Ozeray, Claude Dauphin e Christiane Delyne